

Reportagem Especial

DRAMA DO CRACK

“Desejei a morte do meu filho”

Uma mãe desesperada conta o drama que vive com o filho de 19 anos, dependente de crack. Ele agora está em uma casa de recuperação

AJ22009-1

Aline Nunes
Eliane Proscholdt

Com uma expressão sofrida, uma dona de casa, de 42 anos, fez um desabafo ontem: “Desejei a morte do meu filho por causa do crack.”

Mas sua história começou a mudar um pouco, depois que seu filho, de 19 anos, pediu a ajuda dela para se internar. Há três meses ele está em uma casa de recuperação na Grande Vitória.

Mesmo assim, seu sofrimento persistiu. Isso porque sua filha, de 20 anos, seguia o mesmo caminho. Ontem, ela deu o primeiro passo na tentativa de se livrar da dependência química: foi internada.

A TRIBUNA - Seu filho começou a usar drogas quando?

MÃE - Com 15 anos. Quando descobri, o mandei morar no Rio de Janeiro, com parentes, mas depois de dois anos eles retornaram e o meu pesadelo recomeçou.

> Por quê?

Ele começou a pegar as coisas dentro de casa. Pegou até uma blusa e bermuda molhadas no varal. Tinha comprado por R\$ 70 e ele trocou por uma pedra de crack.

> Ele pegou outras coisas?

Dois liquidificadores, lençóis, toalhas, tênis, roupas e até cuecas novas, na sacola. Meu filho também pegou uma cafeteira que tinha ganhado da minha filha. Só que consegui recuperá-la.

> Também pegou dinheiro?

Quando ele estava noiado (sob efeito do crack), chegava em casa nervoso e pedia dinheiro. Duas vezes dei dinheiro para ele pagar dí-



FOTOS: RODRIGO GAVINI/AT

DONA DE CASA segura as rosas vermelhas que ganhou de presente do filho, que está internado: “Olhava para as rosas e tinha medo do meu filho morrer. Agora elas me dão esperança”

vidas de drogas.

> Quanto?

Na primeira, R\$ 50, e, na segunda, R\$ 100. Sempre dividia o prejuízo com minha família, foram mais de R\$ 10 mil.

> Quando ele retornou do Rio, morou com a senhora?

Não. Morava com minha filha de 20 anos, que é usuária de crack, mas é mais tranquila. Eles moravam ao lado da boca de fumo.

> Quando usava crack, ele ficava muito agressivo?

Sim. Tentou me bater várias vezes, até com vassoura, mas revidei

e escapava dele. Ele me xingava.

> O que sentia nessa hora?

Confesso que desejei a morte do meu filho por causa do crack e das humilhações. Um dia, após uma crise dele, disse para Deus: ‘se for para meu filho viver assim, é melhor o Senhor levar’. Mas depois me arrependi e, chorando muito, pedi perdão a Deus.

> Quando tudo começou a mudar na sua vida?

Quando ele chegou chorando e me pediu ajuda para interná-lo. Há três meses ele está em uma casa de recuperação e está transfor-

mado. Até incentivou a minha filha a fazer o mesmo. Hoje (ontem) ela se internou. Chorava de tristeza, agora choro de alegria e tenho fé que um dia serei feliz ao lado dos meus filhos.

> Já visitou seu filho?

Sim. Até ganhei um presente dele, um pedaço de madeira escrito: ‘Mãe, eu te amo’. Antes dele pedir para se internar, também me deu rosas vermelhas.

Olhava para as rosas e tinha medo do meu filho morrer. Agora elas me dão esperança. Ele me pediu perdão e eu o perdoei.

DEPOIMENTO



“Fumei mais de 30”

“Uso crack há quatro anos, desde os 16 anos. Virei dia e noite e fumei mais de 30 pedras.

Perdi tudo, vendi o que tinha dentro de casa, botija de gás, móveis, fogão. Cheguei a gastar R\$ 200 e no outro dia minha filha de 3 anos pediu comida e eu chorei de arrependimento.

A última vez que fumei três pedras foi ontem (segunda).

Pedi ajuda a minha mãe para me internar. Sei que, se eu não tomasse iniciativa, meu destino seria a morte. Quero vencer o crack por amor a minha filha.”

Filha da dona de casa, que tem de 20 anos de idade

Mãe trocou bebê por pedras de crack

O desespero para arrumar dinheiro para manter o vício em crack levou uma mãe, que hoje tem 30 anos, a vender sua filha recém-nascida para a mulher de um traficante. Em troca, recebeu R\$ 1 mil em pedras (cada uma avaliada R\$ 10).

O fato foi há dois anos, mas três meses depois ela se arrependeu e com a ajuda de uma missionária, conseguiu recuperar a criança, que hoje mora com a avó.

“Estava grávida e a mulher do cara (traficante) disse que sonhava em ter uma menina. Quando saí do hospital, vendi minha filha”.

A usuária procurou ontem uma casa de recuperação, pela sétima vez, para se internar.

Durante todo o tempo ela dizia

que não suportava mais viver assim. “Olho para a pedra e penso em resistir, mas percebo que ela (pedra) é mais forte que eu”.

Quando fala do seu passado, o que não falta são arrependimentos. Um deles foi por ter usado crack na gravidez, há cinco anos.

“Minha filha nasceu com problema de coração, ficou três meses na Utin (Unidade de Tratamento Intensivo Neonatal). Falei com Deus que se minha filha melhorasse, nunca mais iria fumar uma pedra”.

Horas depois, às 19 horas, ela melhorou. “Fui em casa buscar roupas, mas passei na boca de fumo para pegar pedras. Fumei no banheiro do hospital. Meia noite ela piorou. No outro dia, às 12h15 morreu. Fiquei desesperada”.



MULHER conta que chegou a vender a filha, que depois foi resgatada e mora com a avó. Viciada em crack, ela está em tratamento pela sétima vez

Reportagem Especial

DRAMA DO CRACK

A22009-2

“Tive derrotas, mas me livre do vício”

Engana-se quem pensa que o crack é somente um caminho sem volta. Quem afirma e dá lição de vida é o operador de equipamentos Jefferson Magno, 39 anos, ex-dependente químico.

Aos 14 anos, ele começou a usar maconha. Logo depois conheceu a cocaína e posteriormente o crack.

“Fui em uma boca de fumo comprar cocaína, mas estava em falta. Como estava fissurado disse: ‘Me dá isso mesmo’. Um usuário me ensinou a usar crack e gostei. Du-

“Espero que este meu testemunho alcance quem perdeu a autoestima e acha que não tem jeito, mas tem”

Jefferson Magno, ex-dependente químico

rante dois anos usei pedra. Eu já estava no fundo do poço, mas com o crack escavei mais para baixo ainda”, lamentou.

Totalmente refém do vício, ele vendeu carro, moto, aparelho eletrônico, relógio, aliança de casamento, óculos e roupas. Tudo para comprar pedras e pagar dívidas.

Ele disse que chegou a fumar entre 20 e 30 pedras por noite. “Não comprava pedras. Comprava pedaço grande”, destacou.

Em 1998, Jefferson foi internado em uma clínica, onde ficou 20 dias. “Mas voltei pior ainda. Felizmente quando tinha 30 anos conversei com o meu irmão e pedi ajuda. Disse que sozinho não tinha força. Ele falou da Casa Missionária Bálsamo de Gileade. Fiquei lá por 27 dias, prazo suficiente para eu abandonar as drogas”, contou.

“Nas drogas eu só tive derrotas,



RODRIGO GAVINI/AT

JEFFERSON foi viciado em crack, fez tratamento e hoje está livre da dependência química

mas hoje me livre do vício. Perdi tudo, mas Deus me deu tudo de volta, minha casa, carro e emprego. Meu casamento foi restaurado. Tinha um filho e hoje tenho dois”.

Mas ele disse que seu objetivo ao falar sobre o passado e sua trans-

formação é ajudar a outras pessoas que estão sofrendo com as drogas.

“Espero que esse testemunho alcance quem está dependente, perdeu a autoestima e acha que sua vida não tem jeito. Mas tem jeito sim. Deus existe e nos ajuda a

sair do fundo do poço”.

O primeiro passo para sair do abismo, segundo ele, é querer sair e se amar. Agora ele faz um trabalho voluntário na Casa e ajuda os dependentes químicos que querem se livrar do vício.

Ação para Estado construir clínica

O defensor público Carlos Eduardo Rios do Amaral ingressou com ação na Justiça para que o Estado seja obrigado a construir clínica para internação de dependentes químicos.

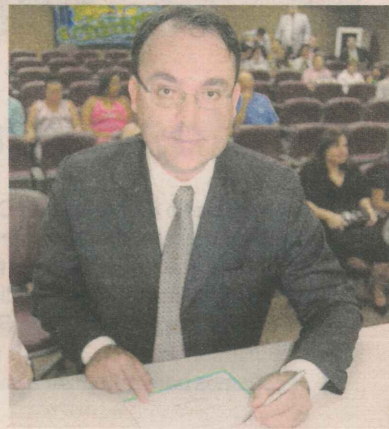
Em sua opinião, os leitos disponíveis atualmente não são em número suficiente e também não atenderiam à necessidade de internação compulsória daqueles dependentes que precisam, mas não querem tratamento.

O juiz Ademar Bermond, da 1ª Vara da Fazenda Pública, está analisando o processo, segundo sua

assessoria jurídica.

Enquanto o caso é apreciado, a Secretaria de Estado da Saúde (Sesa) disponibiliza, para adultos, leitos no Hospital da Polícia Militar e, para crianças e adolescentes, no Hospital dos Ferroviários.

Mas, conforme esclareceu Inês Torres, coordenadora de saúde mental, álcool e outras drogas da Sesa, o dependente precisa do primeiro atendimento num Centro de Atenção Psicossocial (Caps) ou unidade equivalente. Então, é avaliada a necessidade de internação para encaminhamento a hospital.



CARLOS: processo na Justiça

ONDE BUSCAR AJUDA

ATENDIMENTO GRATUITO (SEM INTERNAÇÃO)

LOCAL	TELEFONE
CAPS I Anchieta	(28) 3536-3479
CAPS AD Serra	3328-4137
CAPS AD Vila Velha	3239-9846
CAPS I Vitória (infanto-juvenil)	3225-5497
CPTT Vitória	3132-5104
CAPS I João Neiva	(27) 3258-3642
CAPS I São Mateus	(27) 3767-4165
CAPS Nova Venécia	(27) 3752-2180
CAPS I Guaçuí	(28) 3553-1262

LOCAL TELEFONE

CAPS I São José do Calçado	(28) 3556-0352
CAPS I Vargem Alta	(28) 9986-8573
CAPS I Baixo Guandu	(27) 3732-4486

ATENDIMENTO PARTICULAR (COM INTERNAÇÃO)

LOCAL	TELEFONE
Comunidade Levanta-te (Guarapari)	(27) 3362-0072
Esquadrão Resgate Vida (Vila Velha)	3239-7752

Tráfico assusta na Ilha do Príncipe

O consumo de crack tem se espalhado por diversos locais e, em Vitória, uma das áreas mais problemáticas está na Ilha do Príncipe. A conduta dos usuários assusta motoristas, comerciantes e pedestres que passam pela região.

O ponto de concentração dos viciados é um prédio desocupado da antiga Giacomini, cujas paredes foram quebradas por eles para que possam invadir e usar o crack.

Em apenas 30 minutos que a reportagem de A Tribuna esteve na tarde de ontem diante do prédio, pelo menos 10 usuários entraram e saíram do local.

A maioria dos pedestres opta por fazer o trajeto do outro lado da avenida, preocupada com a possibilidade de um assalto. “Só passo por aqui por não ter outra opção”, contou uma moradora da região.

O electricista Fernando Rodrigues da Silva, 27 anos, falou que alguns usuários quebraram a parede que liga o prédio da Giacomini ao estabelecimento onde trabalha para roubar. “Era preciso derrubar logo esse prédio”, opinou.

Até para quem passa de carro a situação causa apreensão. A dona de casa Anaelia Norbi, 53, disse que só faz o trajeto com os vidros

POLICIAIS MILITARES fazem blitz em prédio da antiga Giacomini. O local é ocupado por traficantes, usuários de crack e acusados de outros crimes



ADRIANO HORTA/AT

fechados, enquanto Denise Carneiro, 33, também defende a demolição do prédio para afastar dali os invasores.

Em nota, a Secretaria de Desenvolvimento da Cidade (Sedec) informou que os imóveis abandonados são de responsabilidade dos proprietários. Eles já foram notificados para que tomem providên-

cias em relação às construções.

Todos os 10 imóveis situados na quadra da antiga Giacomini, ainda segundo a nota, estão em fase de desapropriação, desde 2008, para que sejam feitas mudanças viárias com o objetivo de melhorar a mobilidade em toda a região.

A Sedec aguarda a decisão judicial para a demolição.

Quanto aos crimes, a recomendação da secretaria é para que as denúncias sejam feitas à Polícia Militar.

O coronel Ronalt Willian de Oliveira, chefe de Relações Públicas da PM, destacou que o policiamento está presente na região e, somente em julho, foram feitas 24 abordagens de suspeitos.

Mais apreensão de drogas este ano na Grande Vitória

As operações da Polícia Civil resultaram em mais apreensões de drogas e prisões de janeiro a julho deste ano, em comparação com o mesmo período de 2009. Só de crack, o aumento foi de 40%.

É o que revela Ícaro Ruginski, titular da Delegacia de Tóxicos e Entorpecentes (Deten), destacando que as ações da unidade foram intensificadas com mais investimentos do governo.

Ao todo, no ano passado foram apreendidos 213 quilos de droga e, em 2010, 285 quilos. O crack representa 10% das apreensões.

O número de prisões foi ainda mais surpreendente: passou de 257 para 453. “É muito difícil ter prisão de traficante e não apreender o crack”, observou Ícaro.

Mesmo sem dados da PM de 2009 para comparar, a percepção do coronel Ronalt Willian de Oliveira é de que também houve aumento nas apreensões de todas as drogas. Em destaque, a maconha: na semana passada foi apreendido um carregamento de 402 quilos, mais que o dobro do semestre.